

O intolerável e a vida livre

*João da Mata*¹

Já há algum tempo a palavra *terapia* não é a melhor forma de definir a Soma. Ao menos, a maneira como este termo normalmente é utilizado, remetendo a uma noção de cura. Não acredito que os conflitos humanos possam ser curados, até porque vivemos em sociedades adoecidas, que retroalimentam processos de controle das mais diversas formas, com consequências diretas na vida emocional das pessoas. O que penso ser possível, e isso é fundamental, é cada um conseguir desenvolver táticas e manejos nos mais diferentes espaços da malha social, capazes de lidar com as práticas de poder, de forma que estas possam “respingar” o menos possível em nossa vida emocional. Fomentar esse *jogo de cintura* talvez seja uma das mais importantes e potentes formas de estar no mundo.

Dessa forma, penso ser a Soma um mais processo experimental - através do qual buscamos perceber e ativar potências criadoras, afetivas e políticas capazes de favorecer cada um na elaboração de vidas afirmativas – que propriamente uma psicoterapia no sentido usual. Seu papel, mais que eliminar os conflitos emocionais por completo, é de fornecer instrumentos: apresentar uma caixa de ferramentas que são disponibilizadas ao longo do processo do grupo e que, ao final, cada participante as tenha e possa fazer o melhor uso delas. Além de romper com esse fetichismo autoritário de que o *terapeuta* tem algum poder de curar as pessoas, valorizamos o percurso autoral e a autonomia de cada pessoa no manejo de sua existência. O processo terapêutico serve, dessa forma, para incrementar as possibilidades de luta individual e coletiva capaz de enfrentar os mecanismos neurotizantes disseminados na sociedade.

Pensar a vida como percurso inventivo, que nos leve também a uma existência afirmativa é pensá-la como campo de batalha. Não se criam sentidos jubilosos se não há revolta e insurgência diante do que nos medioriza. Assim, revoltar-se significa confrontar-se com tudo aquilo que faz diminuir ou arruinar a condição humana. E são muitos os fatores que operam cotidianamente

¹ Dr. em Psicologia/UFF e Dr. em Sociologia/Univ. de Lisboa. Pós Dr. em História/UFF. Trabalha com a Soma – uma terapia anarquista

neste sentido: a ação autoritária de Estados, a miséria gerada pelo capitalismo, o racismo estrutural, o machismo e a misoginia, e tantos outros. Sabemos que a lista é enorme e sua engrenagem retroalimenta-se na conhecida dinâmica dominador-dominado ativadas mutualmente. São muitos os agentes que nos produzem incômodos, e todos eles, quase sempre, andam juntos com uma leva de acomodados.

Seria fácil, uma vez percebida a fonte do intolerável, afirmar sua negação e, uma vez constatada a ausência ou perda de sentidos para a própria vida, que cada um agisse de forma a eliminar o incômodo. Assim seria, mas não é. A neurose nos condena a condição existencial tão terrível, que suportamos, feito bestas de cargas, condições insuportáveis. Criam-se leis, tecnologias de gestão de tempo e vida, dispositivos dos mais variados e capazes de dirigir nossas vidas de maneira insípida. Suportar uma vida sem sentido passa a ser algo, em certa medida, administrável.

Ainda na década de 1930, Wilhelm Reich denunciava que a revolução russa estaria fadada ao fracasso, pois o proletário soviético vivia o que chamou de *miséria emocional*. Ele acreditou que a experiência marxista poderia oferecer um contraponto ao capitalismo e seus efeitos subjetivos, mas o que viu foi que a ditadura do proletariado havia criado uma classe dirigente autoritária e que a população não gozava da necessária liberdade como condição humana de vida digna. Para Reich, não era possível criar uma nova organização social se os indivíduos não desfrutassem da liberdade e do prazer como potência de vida. A miséria emocional cria nas pessoas o medo e necessidade de serem governadas. Acovardadas e carentes de um salvador, geralmente legitimam líderes autoritários, reverenciam um ídolo, seguem dogmas, defendem raivosamente conceitos e preconceitos. Temorosas, não se colocam de frente nas suas críticas, preferem as sombras, o anonimato e a fofoca.

Reich seguia, no âmbito da psicologia, inquietação semelhante àquela descrita pelo jovem Etienne de La Boétie quando dirigia seu espanto não ao tirano, mas aos que aceitavam voluntariamente seu poder. As análises desenvolvidas por La Boétie no campo da filosofia política, se dirigem ao soberano que se coloca como ponto de partida para as relações de hierarquia. Mesmo o soberano sendo rei, ditador ou representante do povo, deve-se

obediência a ele, independente de ser melhor ou mais legítimo. No entanto, qualquer um que venha a governar condutas será sempre um tirano.

O ato de governar não restringe-se às instituições estatais e aos governos, mas operam em diferentes âmbitos das relações sociais. Na micropolítica, são especialmente nas práticas afetivas que a ação de governo de um sobre outro produz mais estragos. Quando educamos uma criança, quando agenciamos acordos nos relacionamentos amorosos ou quando indicamos a um amigo um caminho a ser seguido podemos, por exemplo, incidir na conduta do outro de tal forma que passamos a criar uma relação de governo sobre aquela pessoa. Resta saber, quando operamos como pequenos tiranos sobre *outrem* e/ou fundamentamos nossa própria servidão voluntária. Nas políticas de rebanho, dominadores e dominados convivem no diapasão amor e temor: deveres e obrigações, intercalados por ganhos de ambos os lados.

As análises de La Boétie em seu *Discurso da Servidão Voluntária* traz a lucidez de que todo poder se exerce com o assentimento daquele sobre os quais se manifesta. Pensar estratégias de resistências passa necessariamente por esta constatação, para então localizar nossa própria alienação, seu funcionamento e sua trama. O que Reich busca compreender, sem dirigir-se diretamente à La Boétie, é como a neurose estava relacionada à ideia da aceitação do poder. Para ele, o conflito emocional se produz através da incitação à obediência, que começa em casa a partir de uma educação orientada para o consentimento da centralidade e da hierarquia. De início, a obediência aos pais; depois aos professores; aos patrões; e por fim, ao Estado, seja ele representado pela polícia ou tribunais. Para La Boétie, e em certa medida também para Reich, o espanto com os efeitos danosos do autoritarismo se dirige mais aos que obedecem do que a quem os produz.

Neste sentido, acreditamos que viver um processo terapêutico passe, necessariamente, por confrontar-se com as condições que produzem sujeições para criar sociabilidades entre livres. Mas se é difícil enfrentar o poder que opera sobre nós, mais difícil ainda é abrir mão do poder que agimos sobre os outros. A aparente inevitabilidade de sociabilidades hierarquizadas, tornam as práticas de poder e sujeição algo comum e banal na existência humana. Romper este ciclo

vicioso, com seu ganhos e vantagens, significa literalmente abrir mão das práticas intoleráveis que acabam por tornar-se aceitáveis no jogo social.

Se não confrontamos o intolerável nas mais variadas formas de autoritarismos, especialmente as mais sutis, acabamos por ficar acomodados diante dos fatos. No chamado *último Foucault*, o filósofo francês nos alerta para uma das características mais marcantes da moral burguesa: a acomodação. Resumidamente, Michel Foucault assinala a acomodação como uma escolha estratégica em manter uma certa “ignorância”, em conservar valores e acima de tudo, em viver uma existência de pouco risco e com as garantias da segurança, para então tornar a acomodação um processo de normalização.

Em suas análises, Foucault contrapõe a acomodação ao modo de vida artista: possibilidade, através da qual construímos nossos caminhos, elaboramos nossas vidas de maneira autoral. O modo de vida artista não diz respeito ao percurso artístico de um determinado artista, mas um modo de vida libertário singular que cada um pode e deve criar - desde que deseje produzir sentidos em sua vida - para elaborar-se como obra de arte. Representa também um modo de resistência e luta pela autonomia, com o objetivo de afirmar contrapositionamentos diante das técnicas de controle e padrões normalizadores.

Roberto Freire, ao criar a Soma e defendê-la como um processo terapêutico transformador diante das práticas autoritárias e neurotizantes, trazia incessantemente a noção do *tesão* como potência revolucionária. Destacava como é importante viver o que nos dá tesão como referência e confirmação de nossa singularidade. A afirmação do tesão tem, inegavelmente, uma força política. Pode-se perceber como é na perda do prazer em que se apoia o autoritarismo. As relações autoritárias sugerem uma sujeição da vida humana, para então se viver com menor intensidade e potência. A necessidade de poder corresponde a uma impossibilidade de se viver os prazeres relativos da existência cotidiana.

Assim, Freire defendia um olhar crítico sobre a presença de poder em nós: o poder como aquilo que também pode levar a mecanismos patológicos que nos impedem de viver criativamente, e de inventar uma nova existência, mais

prazerosa, lúdica, e ligada àquilo que nos desperta paixão pela vida, para então seguir a vida na elaboração de vidas artistas e livres. Viver o tesão é uma grande arma que dispomos para lutar contra as limitações que impedem as transformações existenciais individuais e coletivas e para incrementar a liberdade que se produz pelo prazer de estar vivo.